

LINGÜÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR, *PERO NO MUCHO!*

Renata de Lourdes Costa de Menezes (UFPB)

renata.lmc@ig.com.br

Introdução

Derrubando os mitos da objetividade e da universalidade e questionando a experimentação regida por regras de um método quantitativo, bem como a ideia de se estudar um objeto sem perturbá-lo, o paradigma de ciência que surge com a pós-modernidade, na segunda metade do século XX, tem instaurado uma compreensão da atividade científica enquanto produto social, dotada de uma matriz coletiva que lida com objetos construídos culturalmente.

Não alheia a esse novo clima intelectual – *zeitgeist* – que se interpunha, a Linguística Aplicada (doravante LA) adere ao pensamento antipositivista e se propõe a produzir conhecimento e pensar questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos. Essa nova maneira de criar inteligibilidade sobre o mundo tem sido denominada de **indisciplinar** (MOITA LOPES, 2006a, 2009), **transdisciplinar** (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998) ou **transgressiva** (PENNYCOOK, 2006).

Uma LA que deseja, sobremodo, conforme expõe Moita Lopes (2009): (1) abandonar o caráter aplicacionista e solucionista que acompanhou a área por longos anos; (2) renunciar à restrição de operar, apenas, em contextos de investigação de ensino e aprendizagem de línguas; e (3) construir teorizações no entrecruzamento com outros campos do saber.

Embora, segundo Almeida Filho (1991) essa **não** seja uma visão radicalmente diferente de como se faz LA em centros de pesquisa dos Estados Unidos e Europa, no Brasil não tem sido esse o tratamento distintivo, afirmativo e independente o mais usual. Sob a égide desses três pilares sobrescritos, então, nos posicionamos nesse estudo argumentando que os linguistas aplicados não têm, de forma efetiva, se reinventado e atuado de maneira indisciplinar, transdisciplinar ou transgressiva no âmbito da LA brasileira. Isso posto, nossa intenção é discutir o real estatuto da LA na contemporaneidade e suas relações com a ideologia que guia as pesquisas na área. Trata-se de um trabalho reflexivo e de um posicionamento crítico diante da realidade que norteia as discussões que serão retomadas.

Nossa motivação para escrever sobre esse tema parte das impressões advindas a partir de uma postura transgressiva própria, quando nos deslocamos do campo da Psicologia – onde atuamos enquanto psicóloga clínica – para a Linguística, e, mais especificamente, para a LA, a fim de violar os limites conservadores do pensamento e da ação e problematizar novos conhecimentos que dessem suporte a nossa prática.

No curso da concepção de ciência pós-moderna, que tem, particularmente, perpassado o vasto domínio das Ciências Humanas e Sociais, nos deparamos com o arcabouço epistemológico que envolve a LA indisciplinar. Contudo, percebemos que as escolhas paradigmáticas e intervencionistas da maioria esmagadora das pesquisas e discussões na LA estão sedimentadas, ainda, às bases históricas e políticas que deram corpo à área desde seus primórdios, o que nos deixa, no interior dessa disciplina, constantemente, mal colocada, posta à margem ou, usando a metáfora de Faure (1992 *apud* MOITA LOPES, 2006b, p. 97), com a sensação de “rainha sem reino”.

Nesse sentido, refletiremos sobre os rumos que tem trilhado a LA brasileira a partir da confrontação de fatos e dados, em defesa de uma mudança efetiva nas “estruturas

elitistas e arcaicas” (KLEIMAN, 2013, p. 40) e, logo, de uma atitude, verdadeiramente, transdisciplinar.

1. O estatuto da Linguística Aplicada na contemporaneidade

Nascida nos anos 1940, no auge do Estruturalismo e, por conseguinte, da consolidação da Linguística enquanto ciência, a LA se desenvolveu, então, como aplicação prática das teorias linguísticas modernas ao ensino de línguas (ALMEIDA FILHO, 1991; COSTA, 2011/2012; DAMIANOVIC, 2005; LOPES-ROSSI, 2009; MOITA LOPES, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2011). A emergência desse novo campo de estudo, segundo refere Costa (2011/2012), esteve intimamente ligada à necessidade imperiosa de, durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados americanos terem o domínio das línguas estrangeiras para, assim, poderem realizar contato com aliados e inimigos.

O foco, porém, logo se alargou para as questões relativas à tradução, à língua materna e para os problemas concernentes à linguagem em sala de aula – incluindo, portanto, demandas sobre a formação do professor e elaboração de material didático – não deixando de estar equalizado à aplicação dos princípios da linguística teórica na solução das dificuldades unidirecionadas ao ensino de línguas.

Entretanto, passado mais de meio século, Moita Lopes (2006c, p. 17) arrazoia que a compreensão de que a LA **não** é aplicação de linguística já é “um truísmo para aqueles que atuam na área”. Contrariando essa afirmação, mesmo percorrido todo o caminho que configura hoje a LA como indisciplinar-transdisciplinar-transgressiva, autores como Costa e Geraldi (2007) consideram que os modelos estruturais sempre serão os fundamentos da descrição e interpretação dos objetos na área. Para eles, a LA tem como escopo, necessariamente, a aplicação prática dos resultados das investigações teóricas sobre a língua. Corroborando esse entendimento, Vilaça (2011) pontua que estudos reforçam que a LA ainda é, com certa frequência, concebida, pelos próprios profissionais de Letras, como aplicação de teorias linguísticas.

No bojo dessa acepção, está a noção, perpetuada no meio acadêmico, de que a teoria “pura” é a verdadeira ciência e que, conseqüentemente, deve ser matéria-prima para as pesquisas “aplicadas”. A esse respeito, Pennycook (2006) expõe que o grande infortúnio da LA é que, com o objetivo de conseguir credibilidade acadêmica, ela tem se curvado à Linguística. Ocupando essa posição subserviente, o linguista aplicado assentaria suas crenças

nos princípios básicos do positivismo e do estruturalismo, que acarretam uma fé persistente em uma visão de linguagem a-política e a-histórica; em uma divisão clara entre o sujeito e o objeto e, portanto, na noção de objetividade; no pensamento e na experiência como sendo anteriores à linguagem; no desenvolvimento de modelos e de métodos fiéis aos princípios do cientista e na testagem subsequente da validade de tais modelos por meios estatísticos; na crença do processo cumulativo como um resultado do acréscimo gradual do conhecimento novo; e na aplicabilidade universal do princípio da racionalidade e da verdade (DAMIANOVIC, 2005, p. 185).

Em defesa de nossa premissa, isso significa, primeiro, que o modelo cartesiano de ciência ainda é uma força produtiva no cerne da LA, contrapondo-se a uma visão de língua situada e sócio historicamente estabelecida a partir das interações de um sujeito heterogêneo, fluído e imerso em uma coletividade mestiça, desigualmente construída e dominada por culturas e ideologias, tal como percebida pela perspectiva indisciplinar

(SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998; MOITA LOPES, 2006a, 2009) . Segundo, que o caráter aplicacionista e solucionista, dos primórdios da LA, ainda está vivo e persiste, nos dias atuais, em alguma medida, no entendimento daqueles que julgam que a aplicação de modelos que descrevem formas linguísticas ou textuais é o parâmetro para compreensão do problema aplicado, aqueles mesmos que “lamentam o fim de uma LA coesa que ajudaram a fundar” (DAVIES, 1999 *apud* MOITA LOPES, 2009, p. 20).

Obviamente, conforme muito bem pontua Almeida Filho (1991, p. 6),

não podemos ignorar a longa tradição de tomar LA como aplicação de conhecimentos de Linguística Teórica. A própria evolução do conceito de linguagem tem sido extremamente útil acompanhar dentro da Linguística. Várias definições dentro do sistema linguístico são de grande valia real ou potencial no encaminhamento de soluções para problemas de uso de linguagem.

Contudo, as novas configurações assumidas pela realidade exigem uma LA independente, emancipada desse processo “top down” (BOHN, 1988 *apud* COSTA, 2001) no qual determinados princípios de Linguística Teórica são utilizados, na LA, para a solução de um dado problema. O caminho, por sua vez, é inverso. A LA parte de um fato concreto e examina não só os princípios linguísticos, mas as interlocuções disciplinares, para dar conta de seu objeto, o que a caracteriza enquanto área legítima de estudo.

Sobre a diversificação das questões investigadas, com o designio de obter uma visão panorâmica da produção do conhecimento em LA no período de 1996 a 2006, Menezes, Silva e Gomes (2009) fizeram um levantamento, com base nas publicações de cinco periódicos nacionais¹, dos temas mais recorrentes na área. Seus resultados apontaram que, nos 691 artigos analisados, os temas de maior recidiva versavam sobre “ensino de línguas estrangeiras”, “formação de professores”, “aquisição de segunda língua”, “tradução e interpretação”.

Ainda, numa simples apreciação dos periódicos brasileiros no campo eminentemente da LA constatamos que as revistas “Caminhos em Linguística Aplicada” e “Horizontes em Linguística Aplicada” têm como escopo, na sua apresentação, divulgar textos circunscritos à área de concentração de ensino e aprendizagem de línguas. Esse dado reforça, mais uma vez, quão forte é essa temática no âmago da LA em detrimento de outras questões de pesquisa, ao passo que evidencia as barreiras na difusão e democratização de temas extramuros.

Esse estado de coisas também ratifica que uma segunda virada no âmbito da LA que abandone a restrição de operar nos limites do contexto escolar, conforme refere Moita Lopes (2009), não foi, concretamente, alcançada. Isso porque, segundo os dados nos mostram, a base do interesse de pesquisa na área não extrapola os confins da sala de aula permanecendo, ainda, arraigada à prática de ensinar/aprender línguas.

Esse fato se torna mais contundente quando focalizamos não tão-somente aquilo que a pesquisa inclui, mas, igualmente, aquilo que exclui. Também de acordo com Menezes, Silva e Gomes (2009), constatamos que temas como “linguagem e ecologia”, “linguagem e mídia”, “linguística forense” e “comunicação nas profissões”, somaram juntos, apenas, três ocorrências – com destaque para os dois primeiros temas, que sequer pontuaram. Isso evidencia, concomitantemente, que as comunicações em LA não têm, com

¹ Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Trabalhos em Linguística Aplicada, ESPECIALIST, Linguagem e Ensino e DELTA.

efeito, se espreado para contextos outros de uso da linguagem, abraçando diferentes domínios da vida social, tal como sugere a LA indisciplinar pós-moderna.

Sendo mais incisiva ao destacar que muita coisa, de fato, ainda não se modificou, o trabalho de Lopes-Rossi (2009) demonstra que um exame dos temas que, com maior intensidade, integraram o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) ou o Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA), promovido pela PUC/SP, confirmou a simpatia dos pesquisadores por assuntos como “ensino de leitura e produção escrita”, “práticas docentes”, “educação à distância” e “novas tecnologias aplicadas ao ensino”.

Isso se alinha aos dados obtidos por Celani (1998), à época, quando esboçou um cenário geral da LA no Brasil. Concentrada nas publicações do periódico *Trabalhos em Linguística Aplicada*, ela ressaltou o interesse ainda dominante nas questões de ensino-aprendizagem de língua materna e de línguas estrangeiras. Também constatou que as teses e dissertações dos três últimos anos anteriores à pesquisa privilegiavam conteúdos intramuros escolares, a exemplo de “formação de professores”, “interação professor-aluno”, “ensino e aprendizagem de segunda língua”, “estilos de aprendizagem”, “alfabetização”, “estratégias e percepção da natureza de leitura” e “educação bilíngue”.

Outrossim, num breve olhar atual sobre os programas de disciplinas² no âmbito da LA, observamos que, decididamente, a esfera educacional, as questões referentes ao ensino de línguas e à formação do professor (também de línguas) são sempre privilegiadas. Isso não indica, contudo, que a visão contemporânea da LA não tenha sido teorizada. Explícita ou implicitamente – através da descrição dos objetivos do curso, do conteúdo programático e/ou da opção bibliográfica utilizada para nortear as discussões – as novas configurações teórico-metodológicas da LA na atualidade foram abarcadas, todavia, por sua vez, exclusivamente como mote para subsidiar debates e estudos de fenômenos linguístico-culturais intrínsecos à diáde ensino/aprendizagem. O que implica, conforme já expunha Costa (2001), que os programas de LA não conseguiram alcançar o mundo relativamente distante da sala de aula.

Esse vínculo ao ambiente educacional também fica nítido na historiografia, realizada por Machado e Guimarães (2009), das características sócio-histórico-culturais que propiciaram a entrada do Interacionismo Sociodiscursivo, enquanto base teórica amplamente arraigada à LA, no Brasil. Isso porque, fundamentalmente, as ideias interacionistas sociodiscursivas penetraram no território brasileiro, como arcabouço teórico-metodológico, para consubstanciar, didaticamente, os documentos que tinham por objetivo, nos anos 1990, reconduzir as políticas educacionais brasileiras para o ensino de línguas.

Assim, no âmago dessa circunscrição contextual, as pesquisas desenvolvidas à luz desse quadro, dentre elas as produzidas pelo Grupo “Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações” (ALTER), citado pelas autoras, estiveram intimamente

² Disciplina “Linguística Aplicada I”, semestre 2010.2, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Disciplina “Linguística Aplicada ao ensino de português”, semestre 2011.2, ofertada pelo Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei; Disciplina “Seminários Avançados em Linguística Aplicada”, semestre 2012.2, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba; Disciplina “Linguística Aplicada”, semestre 2013.2, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Disciplina “Fundamentos em Linguística Aplicada”, semestre 2014.1, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba; Disciplina intensiva “Tópicos Avançados em Linguística Aplicada II”, ofertada no período de 07 a 11 de julho de 2014, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

direcionadas – e, por que não dizer, estacionadas – à sala de aula de línguas, abordando: sequências **didáticas** como recurso de letramento, **didatização** dos gêneros de texto, **formação** inicial e continuada de **professores**, desenvolvimento de capacidades de leitura e produção textual no **ensino** formal, alfabetização/letramento **escolar**, linguagem e trabalho **docente**, agir **docente**. E parece mesmo que qualquer abertura de análise de outros elementos ainda não explorados detém-se, principalmente ou tão-somente, a provocar interferências nesse processo de ensino-aprendizagem.

Com base nessas constatações, então, percebemos que a LA não conseguiu, de forma geral, se desvencilhar do contexto-mor de onde sobreveio. Por mais que, na aurora da década de 1990, já se pregasse que o objeto da LA era “o problema real de uso da linguagem colocado na prática dentro ou fora do contexto escolar” (ALMEIDA FILHO, 1991), esses limites, ainda, não conseguiram ser, efetivamente, transpostos.

Decerto que existem pesquisas que envolvem outros contextos institucionais, a exemplo dos trabalhos de Bertolli Filho (1996), de Nogueira e Silva (2008) e de Menezes e Pereira (2012) – esse último, uma contribuição nossa –, que focalizam o contexto clínico (médico, fonoaudiológico e psicológico, respectivamente); ou dos estudos de Freitas (2010) e de Müller (2013), que investigam o espaço empresarial; ou, ainda, da pesquisa de Marques (2008), que se detém à delegacia de polícia. Do mesmo modo, também existem pesquisas que, embora direcionadas para a atividade educacional, enfocam contextos outros, distante do ensino de línguas, como se propôs o estudo de Spegiorin (2007), que volta a atenção para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia, ou trabalho nosso, Menezes e Medrado (2013), que aborda o estágio como atividade potencial de formação profissional do psicólogo. Todavia, esses ainda são trabalhos incipientes e, muitas das vezes, levantados “por pesquisadores fora do campo de estudos específicos da linguagem”, conforme predisse Moita Lopes (2006, p. 96).

No tocante a esse último ponto, constatamos que, dentre os autores dos trabalhos supracitados, Bertolli Filho, Nogueira, Spegiorin e Menezes são, em essência, vinculados a outros campos do conhecimento – história, fonoaudiologia, geografia e psicologia –, o que demonstra um deslocamento inverso, que procede de outros campos do saber em direção à LA. Isso, por sua vez, demonstra que o paradigma pós-moderno da indisciplinaridade tem sido uma força no interior das outras ciências, notadamente nas Ciências Sociais e nas Humanidades.

Por último, essa noção de núcleo híbrido, no qual se admite que muitas compreensões relevantes no campo da linguagem possam advir de outros campos do conhecimento, também encontra resistência prática na LA. Não há um movimento coletivo para ler outras disciplinas ou participar de eventos de outros saberes, tal como instiga Moita Lopes (2009).

Nesse sentido, no geral, as teorizações na área perpetuam, apenas, discursos que circulam no cerne da Linguística. Por mais que se compartilhe da premissa de que o objeto da LA é complexo, multifacetado, ele continua sendo pensado, abordado, mutilado, nas fronteiras do terreno da linguagem. O próprio Moita Lopes (1998, p.102) já antecipava esse estado de coisas quando escreveu que “uma análise dos trabalhos em LA revelará que uma grande maioria normalmente ainda tem uma base teórica única: a Linguística em sentido macro”.

Uma década depois, num desses levantamentos sobre as teorias que dão suporte às pesquisas em LA, Menezes, Silva e Gomes (2009), identificaram o “Sociointeracionismo”, a “Teoria Bakhtiniana” e a “Análise do Discurso de Linha Francesa” como as epistemologias mais recorrentes na área. Certamente que, em essência, essas três teorias são interdisciplinares, haja vista que são alimentadas por concepções de diferentes ramos

do conhecimento. Entretanto, questionemos: isso basta para sancionar uma postura transgressiva?

Replicando esse questionamento, Moita Lopes (1998, p. 103) argumenta que “para aqueles que só obedecem aos limites da Análise do Discurso de linha *x* ou *y*, por exemplo, fica impossível o esforço interdisciplinar”. Isso sugere que, de algum modo, essa filiação, unicamente, parece destoar do ideal de indisciplinaridade que requer a heterogeneidade de disciplinas-fontes nas pesquisas em LA para além dos limites auto impostos por um quadro teórico-epistemológico multidisciplinar.

A respeito dessa ideologia indisciplinar, Moita Lopes (1996, p. 114) expõe que

o linguista aplicado, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la.

Indubitavelmente que, nessa perspectiva de atravessar fronteiras, o uno é sempre inapropriado, ainda que pluri. Endossando essa posição, Rojo (2006) menciona que não basta a justaposição de saberes se os conhecimentos não são ressignificados como facetas de interpretação de um objeto de estudo, pois, nesse caso, funcionarão, apenas, como níveis estanques de análise.

Assim, evidenciamos que verdadeiros diálogos transdisciplinares, que acarretem um “mosaico de saberes”, como sugeriu Oliveira *et al.* (2011), ainda não se tornaram praxe no âmbito da LA brasileira. Diante disso, e em defesa de uma LA transdisciplinar, destacamos a necessidade de se fazer tais conexões em detrimento de um corpo fixo de conhecimentos.

2. Um passo adiante, por uma LA indisciplinar

Até aqui, destacamos o estático, o que permanece. Reconhecemos, entretanto, em prol de uma atitude transdisciplinar, uma crescente preocupação dos trabalhos em estudar a linguagem no seio da sociedade e da cultura, da qual ela é parte constituinte e constitutiva.

Desse modo, muitas das pesquisas que enfocam as demandas “tradicionais” da LA, como, por exemplo, o ensino-aprendizagem de línguas, têm atuado de maneira a considerar as realidades sociais, as dinâmicas situacionais e a práxis humana, através de um pensar sempre problematizador. Segundo refere Marcuschi (2008), a atenção, nessa perspectiva, recai para a função da língua na vida diária, no conjunto das práticas sociocognitivas e discursivas, e nos seus modos de ação e interação, o que, concomitantemente, refuta a noção, defendida pela posição formalista, de língua como um sistema homogêneo, autônomo e abstrato de regras.

Essa postura dá um passo na direção contrária à concepção de LA como aplicação de teorias linguísticas (preocupada, apenas, com as propriedades estruturais da língua, circunscritas às unidades dos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico), haja vista que introduz aspectos discursivos, sociais e históricos, à organicidade e funcionalidade da língua, abarcando, logo, questões de significação e compreensão, que, por sua vez, se assentam sobre o solo movente da dinamicidade linguística.

É essa concepção da linguagem em uso que subsidia, ao mesmo tempo, o movimento orientado para contextos diferentes do escolar (MOITA LOPES, 2009). Quanto a isso, um passo também foi dado na área ao se permitir pesquisar outras atmosferas institucionais em que a linguagem desempenha papel fundamental, para além das balizes

do ambiente educacional. Não vamos, todavia, nos estender ao dizer que esse caráter transgressivo ainda é embrionário – mesmo porque, já teorizamos sobre isso anteriormente nesse estudo –, mas, ora, importa-nos destacar a nova porta, o novo caminho, que se abriu para a LA no que concerne ao seu objeto de estudo. Um objeto multidimensional, que atinge toda vida social e que não se restringe aos fatos envolvidos com a linguagem em sala de aula.

Gostaríamos de evidenciar, contudo, que muito ouvimos de nossos colegas, “nativos” da área, o argumento de que a LA deve, fundamentalmente, se importar com os temas cingidos às questões sobre ensino-aprendizagem de línguas justamente porque aqueles que compõem a área são, de maneira eminente, graduados em Letras. Certamente que o interesse acadêmico conserva seus vínculos com o campo de atuação profissional de cada um, todavia, há de não se perder de vista que a Linguística é, de acordo com Cunha, Costa e Martelotta (2012), a ciência que estuda os fatos de linguagem. A amplitude desse conceito, por si só, seguramente, contempla, no âmbito da LA, variados contextos de uso. Assim, acreditamos que se a área não se distende para isso, acaba por deixar de ocupar um espaço que, essencialmente, é seu.

Torna-se conveniente refletimos, ainda, a partir das formulações de Bourdieu (2004, p. 31), a premissa de que não há “interesse desinteressado”, gratuito. Isso significa que o pesquisador, via de regra, ao conjecturar sobre sua pesquisa, ativa sua capacidade de apreciação das chances de se obter lucro simbólico, capital científico³, em uma investida acadêmica. Ou seja, é mais provável que um tema de investigação vire foco de interesse de um pesquisador quanto maior o reconhecimento desse tema dentro do campo. Assim, aquilo que já está consagrado na LA – assuntos como: ensino-aprendizagem de línguas, prática docente, formação do professor, tradução, etc. – acaba sendo perpetuado. Isto é, as chances de se passar de um domínio a outro são muito desigualmente prováveis. Nesse sentido, conforme incita Miller (2013, p. 116), é indispensável “criar oportunidades para a renovação de problematizações” na academia.

Por fim, não podemos deixar de reconhecer, como último passo dado em direção a uma LA indisciplinar, que muitas pesquisas na área têm adotado uma base linguística, porém pluricêntrica, na qual dialogam teorizações de variados campos do conhecimento. Por mais que acreditemos que isso não basta em si, conforme discutimos anteriormente, admitimos que, em alguma medida, essa postura espelha o paradigma transdisciplinar pós-moderno, quando sinaliza para os entrecruzamentos disciplinares.

Reconhecemos, todavia, que adotar uma epistemologia de fronteira não é uma tarefa fácil, principalmente porque esbarra no conhecimento curricular validado como verdadeiro. Kleiman (2013, p. 50) já constatara que

quem se aventura pelas complexas vias do diálogo interdisciplinar corre o risco de ver seus projetos sem financiamento porque não se enquadram rígida e perfeitamente em nenhuma das disciplinas que poderiam contribuir para melhor analisar e entender o problema de pesquisa.

Mas, conquanto difícil, precisamos seguir nessa linha, mesmo enfrentando grandes desafios.

Com base no exposto, percebemos que há um (tímido?) deslocamento na área que privilegia a perspectiva da indisciplinaridade em LA que parte da renovação dos conhecimentos já construídos pela ciência. Assim, uma vez que, segundo refere Bourdieu

³ Espécie particular de capital social em que o valor está na autoridade, na reputação, no prestígio científico de um pesquisador, conferido a partir do reconhecimento pelos pares.

(1983, p. 122), a verdade científica “reside numa espécie particular de condições sociais de produção”, as mudanças ocasionadas pelas novas configurações do mundo globalizado não afetam a LA. Se, como afirma Kumaravadivelu (2006, p. 135), as distâncias espaciais e temporais estão diminuindo e as fronteiras nacionais estão se dissolvendo, favorecendo, logo, os descentramentos, “a LA como campo de estudos não pode deixar de considerar a realidade emergente global”.

Nesse sentido, ela há de ser transgressiva não no sentido atribuído por Pennycook (2006, p. 82), de infringir “pensar aquilo que não deve ser pensado, fazer o que não deveria ser feito”, mas na acepção formulada por Kleiman (2013, p. 47), de “pensar o que **sim** deveria ser pensado, fazer o que **sim** o que deveria ser feito, dizer o que **sim** deveria ser dito”.

Considerações finais

A partir desses apontamentos, portanto, defendemos nosso argumento de que aqueles que fazem a LA brasileira não têm, de forma efetiva, se reinventado e atuado de maneira transgressiva. Isso porque, conforme pudemos demonstrar: (1) ainda que com pouca expressão, o caráter aplicacionista e solucionista que acompanhou a LA por longos anos persiste entre aqueles que tentam preservar os fundamentos de uma LA “tradicional” ou “normal”; (2) distante dos pilares de uma LA transdisciplinar, a maioria esmagadora dos estudos e discussões na área continua arraigada a contextos de ensino-aprendizagem de línguas; e (3), no que concerne a atravessar fronteiras disciplinares, não há uma mudança impactante em prol da participação ativa de teorizações que se edifiquem no entrecruzamento com outros campos do saber.

Isso não significa, entretanto, como vimos, que não existam deslocamentos em direção a essa maneira indisciplinar de criar inteligibilidade sobre o mundo – Celani (1998), inclusive, ao indagar se os linguistas aplicados estão no caminho da transdisciplinaridade, conclui que a LA no Brasil está em processo de aprendizagem – mas que, conforme declara Pennycook (2006, p. 78), a “LA tem sido extremamente lenta na focalização de tais questões”.

Certamente que uma virada de paradigma requer um tempo para se consolidar, em especial, porque atua enquanto uma força centrífuga, ou, nas palavras de Kleiman (2013, p. 57), enquanto “elemento exótico”, que envolve um caminho de questionamento da tradição, a exposição ao risco, a descaracterização da identidade em relação aos pares e a coragem de ousar pensar de maneira díspar do saber dominante. Porém, segundo afirma Rajagopalan (2006, p. 165), “o vinho já passou do tempo, transformou-se em vinagre. Ou seja, o que precisamos é repensar tudo de forma radical – não procurar pequenos reparos aqui ou acolá”.

Parece que muito se discute na academia sobre essa nova forma de abordar a realidade circundante, no entanto, pouco se reflete na práxis. Operar essa virada linguística, ou seja, fazer a indisciplinaridade deixar de ser defendida a penas como plataforma, é um caminho a ser percorrido. Do contrário, temos indisciplinaridade, “*pero no mucho!*”⁴.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Maneiras de compreender linguística aplicada. *Letras*, n. 2, p. 7-14, jul./dez, 1991.

⁴ Em alusão aos textos de Moita Lopes (2006c, p. 20; 2009, p. 16), quando critica o caráter pouco interdisciplinar da LA nos círculos tradicionais de estudos linguísticos.

BERTOLLI FILHO, Claudio. O discurso médico nos prontuários clínicos. **Intercâmbio**, v. 5, p. 17-24, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu: Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Vol. 39. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 115-126.

COSTA, Alexandre; GERALDI, João Wanderley. O paradoxo aplicado. **Signótica**, v. 19, n. 2, p. 157-175, jul./dez 2007.

COSTA, Giselda dos Santos. **Breve histórico da Linguística Aplicada**. Floriano/PI, 2001. Disponível em: <<http://www.giseldacosta.com.br/public/2184332-Breve-historico-da-linguistica-aplicada.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

COSTA, Hilda Rodrigues da. O discurso historiográfico da linguística aplicada brasileira. **Confluência**, n. 41/42, p. 184-206, 2011/2012.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DAMIANOVIC, Maria Cristina. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. **Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 2, p. 181-196, 2005.

FREITAS, Ernani Cesar de. Linguagem na atividade de trabalho: *éthos* discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 6, n. 2, p. 170-197, jul./dez 2010.

KLEIMAN, Angela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Tendências Atuais da Pesquisa em Linguística Aplicada. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA – SEPLA, 5., 2009, Taubaté. **Anais...** Taubaté: UNITAU, 2009.

MACHADO, Anna Rachel; GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. O Interacionismo Sociodiscursivo no Brasil. In: ABREU-TARDELLI, Lília Santos; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros**

textuais: textos de Anna Rachel Machado e colaboradores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 17-42.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Débora. A tentativa de construção sequencial da verdade num interrogatório policial da delegacia de repressão a crimes contra a mulher. **Veredas – Atemática**, n. 1, p. 61-79, 2008.

MENEZES, Renata de Lourdes Costa de; MEDRADO, Betânia Passos. Formação em psicologia clínica: o estágio supervisionado como atividade potencial de desenvolvimento profissional. **InterScientia**, v. 1, n. 2, p. 37-51, mai./ago. 2013.

_____; PEREIRA, Regina Celi Mendes. O conto de fadas como instrumento mediacional na clínica psicológica com crianças. In: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE – GELNE, 24., 2012, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRN, 2012. 1 CD-ROM.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes; ROCA, Maria del Pilar (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.

MILLER, Inés Kayon. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 99-121.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 101-114.

_____. Contextos institucionais em linguística aplicada: novos rumos. **Intercâmbio**, v. 5, p. 3-14, 1996.

_____. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes; ROCA, Maria del Pilar (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

_____ (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

_____. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 85-107.

_____. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006c. p. 13-44.

MÜLLER, Alexandra Feldekircher. Revel na escola: linguística aplicada a contextos empresariais. *ReVEL*, v. 11, n. 21, p. 1-5, 2013.

NOGUEIRA, Aryane Santos; SILVA, Ivani Rodrigues. A Construção das Identidades Surdas no Contexto da Clínica Fonoaudiológica. *Intercâmbio*, v. 17, p. 69-82, 2008.

OLIVEIRA, Ewerton Mendonça de, *et al.* Linguística aplicada: um mosaico de saberes. In: SEMANA DE HUMANIDADES DA UFRN, 19., 2012, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 2011.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 149-168.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-276.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SPEGIORIN, Mônica de Toledo e Silva. **Por uma outra Geografia escolar**: o prescrito e o realizado na atividade de ensino-aprendizagem de Geografia. 2007. 204 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Pesquisando os percursos da linguística aplicada. Almanaque **Unigranrio de Pesquisa**, v. 1, p. 97-99, 2011.